

“DAR UMA X-ADA”: POR QUE SUA AQUISIÇÃO É TARDIA?

Ruth E. Vasconcellos LOPES (UFSC)*
Tharen Teixeira de SOUZA (G-UFSC)* *

1. Introdução

Este trabalho pretende discutir a aquisição da construção “dar uma X-ada”. Embora parta de Lisboa de Liz (2003), que trata o fenômeno como de natureza morfológica, nossa análise prevê que parte do fenômeno é, de fato, morfológica, porém parte do processo se dá na sintaxe. Assim, nossa hipótese é que a formação dos elementos com o sufixo “-ada” se dará como um processo morfológico pré-sintático, enquanto os efeitos da construção derivam de sua natureza sintática.

Nossos objetivos aqui são: (a) apontar alguns dos fenômenos que estão em jogo na construção: provavelmente não se trata de um fenômeno único, mas comporta várias facetas; (b) discutir seu processo de aquisição, considerando que há poucos dados da construção produzidos espontaneamente pelas crianças adquirindo o Português Brasileiro (doravante, PB).

Como, então, explicar a ausência da construção na fala da criança? Provavelmente isso se dá por tratar-se de fenômeno complexo e pela homofonia do sufixo -ada como flexão e derivação.

2. Algumas facetas do fenômeno

Lisboa de Liz (*op. cit.*) mostra que há basicamente duas formas distintas de formação da estrutura em questão, uma com elementos deverbais (1) e outra com denominais (2):

- (1) A Maria [deu uma *olhada*] no menino.
- (2) A Maria [deu uma *copada*] no João.

Assumiremos que há, nos casos acima, dois processos morfológicos distintos. Exploraremos os deverbais primeiramente, partindo da análise de Mira Mateus *et alii*. (1999), segundo a qual a forma verbal do particípio passado serve de base a um processo derivacional de adjetivação e nominalização, sem que haja alteração da palavra. Esse processo seria de derivação imprópria ou derivação \emptyset e através dele se obtém uma palavra a partir de outra forma já existente sem haver, no entanto, alteração em sua forma, mas apenas na sua especificação categorial. Por esse processo, os adjetivos seriam formados a partir dos verbos e os nomes, a partir dos adjetivos:

(3) sentido_{participio_passado} → sentido_{adjetivo} → sentido_{nome}

Portanto, uma expressão como (1), contendo o nome deverbal “olhada”, implica morfológicamente duas operações distintas: (a) uma flexional, em que se acrescenta o particípio passado ao radical verbal [olh-] e (b) uma derivacional, em que a especificação categorial da palavra é reanalisada.

Já em relação aos denominais, vamos assumir que o processo morfológico em questão envolve apenas derivação, acrescentando a um nome como “copo” o sufixo -ada:

(4) copo_{nome} → copada_{nome}

Parece haver, entretanto, mais um fenômeno em jogo nas construções com “dar uma X-ada”. Consideremos os exemplos discutidos em Lisboa de Liz (2003):

(5) a. * A Maria deu uma copada na água.
b. A Maria deu uma copada no João.

(6) a. A Maria deu uma garfada no macarrão.
b. A Maria deu uma garfada no João.

Um dos pontos levantados pela autora é que a agramaticalidade de (5a), em comparação com a gramaticalidade de (5b), teria a ver com

a animacidade do PP. Assim, o primeiro caso estaria barrado porque o PP é [-animado], enquanto que o segundo é [+animado]. Contudo, como a própria autora reconhece, isso não explicaria as sentenças em (6), já que ambas são boas a despeito do traço semântico do PP.

Uma coisa que se observa nos exemplos em (6) - e que talvez explique a diferença de comportamento em relação aos exemplos em (5) - é que de nomes como “garfo” podem ser derivados verbos (garfar). Assim, morfologicamente talvez haja dois processos distintos em questão:

- (7) (i) garfo_{nome} → garfada_{nome}
 (ii) garfo_{nome} → garfar_{verbo} → garfada_{verbo:participiopassado} → garfada_{nome}

Em (ii) há inicialmente um processo derivacional para a obtenção do verbo, depois um processo flexional que acrescenta o particípio passado ao radical verbal e, novamente, um outro processo derivacional impróprio de reanálise categorial. O processo em (i) seria o caso de (6b) e o processo em (ii) seria o caso de (6a). Este segundo processo faz com que o elemento deverbal passe a operar na grade temática do verbo original, explicando a gramaticalidade de (6a), já que “garfar o macarrão” é uma estrutura lícita. O mesmo já não ocorre com (5), pois o nome “copo” não forma um verbo “copar”, o que explica a agramaticalidade de (5a), a não ser que sua leitura seja a mesma de (b), no sentido de “bater com o copo em, jogar o copo em”.

Poderíamos acrescentar outros exemplos que funcionariam pelos processos de (7):¹

- (8) a. A Maria deu uma tesourada na calça.
 b. A Maria deu uma tesourada no João.

Isso nos leva a um outro ponto. Os deverbais, além de assumir a grade temática do verbo original, mantêm também possíveis sentidos idiomáticos. Vejamos.

Pela análise acima, (8a) é um deverbal com o sentido de "tesourar a calça", ou seja, "cortá-la". (8b) teria o sentido de agredir João com a tesoura. Entretanto, (8b) comporta duas leituras, a denominal e uma deverbal com o sentido idiomático de "falar mal de": "Maria tesourou o João durante a reunião" = Maria falou mal de João.

Um outro exemplo que poderia ilustrar esse ponto é o verbo "pichar" que selecionará um complemento [- animado] em seu sentido literal e um [+ animado] no sentido idiomático também de "falar mal de" e ambos podem ser usados na expressão "dar uma X-ada":

- (9) a. João pichou o muro.
a`. João deu uma pichada no muro.
b. Maria pichou João.
b`. Maria deu uma pichada no João.

Isso nos leva a duas conclusões. No caso dos denominais parece haver um sentido fixo para a expressão "dar uma X-ada", conforme já apontou Scher (2000), e essa leitura é sempre a de "agredir X com Y", o que, portanto, traduz uma grade temática invariável para a estrutura:

- (10) [Maria] (= agente) deu [uma garrafada] (= instrumento) [no João]
(= tema)

O DP argumento externo será sempre agente (ou "causativo" do evento), o DP interno, instrumento e o PP, tema. A aparente restrição de animacidade do PP se deveria, assim, não por seu papel temático de tema, mas pelo sentido que se obtém composicionalmente entre [dar + instrumento] como "bater em"/"agredir". O problema com essa análise é explicar como um constituinte cujo papel temático é "tema" possa estar abaixo de um que é "instrumento", fato que não encontra evidência independente na língua. Comparemos, entretanto, (10) com (11):

- (11) [Maria] agrediu [João] [com uma garraf(ada)]

Em (11) teríamos a hierarquia temática normalmente esperada, ou seja, agente > tema > instrumento.² Uma possibilidade seria considerar que (10) funciona como os casos de *dative* ou *locative alternation* do inglês, assumindo a análise tradicional que prevê que (12b) deriva de (12a) por movimento, no caso, do locativo, com incorporação da preposição. O mesmo se daria em (10), com o instrumento.

- (12) a. I loaded the hay onto the truck.
'Eu coloquei o capim no caminhão`
b. I loaded the truck with the hay.
'Eu carreguei o caminhão com o capim`

Outra possibilidade seria considerar “uma garrafada” como tema e “no João” como locativo, porém essa análise não explica como o locativo seria o elemento afetado no evento e não o tema, conforme o esperado. Não vamos explorar mais esses pontos aqui.

Voltando aos deverbais, em seu caso, a grade temática será variável e as restrições, tanto de seleção semântica, quanto de seleção categorial, vão variar de acordo com o predicado original. Vejamos os exemplos discutidos em Lisboa de Liz (2003):

- (13) a. dar uma fechada na porta.
b. *dar uma fechada no João.
(14) a. dar uma comentada no assunto.
b. * dar uma comentada no João.

Em (13) temos a restrição do verbo “fechar”: pode-se “fechar a porta”, mas não se pode, ao menos no sentido literal, “fechar João”, a não ser que se pense em “fechar o carro de João no trânsito”, leitura que tornaria (13b) um exemplo bom.³ Já em (14), pode-se “comentar o assunto”, mas não se pode “comentar o João”; contudo, pode-se “comentar sobre o João” e nos parece que (14b`) seria, de fato, boa:

- (14) b`. Maria deu uma comentada sobre o João (durante a festa).

Dados os diferentes processos morfológicos propostos em (7), seria de esperar que houvesse conseqüências aspectuais diferentes para os denominais e os deverbais. Entretanto, não é clara essa distinção. Se se pode apontar algo, talvez seja apenas para o caso dos denominais que parecem se comportar como estruturas télicas – que tem um ponto culminante. Não vamos explorar esse ponto e remetemos o leitor a Scher (2000) para uma ampla discussão (cf. também nota 3).

Mas o que já gostaríamos de apontar é o fato de que as construções “dar uma X-ada” se começam com processos morfológicos complexos, também parecem ter uma composição sintática igualmente complexa. O que queremos dizer com isso é que talvez o processo não envolva apenas a interface morfologia-sintaxe, mas também tenha que ser analisado de uma perspectiva sintática em que seus diferentes sentidos se derivam da composição temática dos argumentos envolvidos.

Um último ponto que gostaríamos de levantar, antes de passar à discussão sobre a aquisição da construção, diz respeito ao verbo “dar” propriamente. Em construções como as analisadas aqui, o verbo “dar” é normalmente considerado um verbo leve, ou seja, um verbo sem conteúdo semântico que carrega as marcas de pessoa e tempo, porém o elemento tematicamente essencial numa sentença com um verbo leve seria(m) o(s) elemento(s) nominal(is) a ele associado(s). Tais análises predirão que o complemento nominal de um verbo leve, geralmente de natureza verbal, é que será o elemento predicador na estrutura. Vejamos alguns exemplos:

- (15) a. Maria [deu risada] → Maria riu.
b. Maria [deu um grito] → Maria gritou.
c. Maria [deu uma olhada no nenê] → Maria olhou o nenê.

Que tipo de problema essa análise coloca para a construção em jogo aqui? Em primeiro lugar, e isso parece ser relevante para a discussão em torno da aquisição da construção – como veremos mais adiante –, há diferentes verbos “dar” no PB. Para além dos claramente leves como em (15), há ainda:

- (16) a. Maria deu o presente para a sogra.
b. TV dá dor de cabeça.
c. Durante a greve normalmente dá encrenca com os trabalhadores.

Em (16a) temos um caso de verbo pleno, em (b) um causativo e em (c) um impessoal. Não vamos discutir aqui se essas diferenças são resolvidas no léxico ou na sintaxe, embora pareça claro que da sintaxe, através da composição das diferentes estruturas envolvidas nos diferentes “sentidos” do verbo, se possa derivar uma semântica mais refinada, inclusive em relação aos efeitos aspectuais das diferentes classificações do verbo. Mas nosso ponto aqui ainda é outro. Se parece claro que (15c) possa ser analisada como uma sentença envolvendo um verbo leve, já que seu complemento nominal é um elemento deverbal claramente responsável pelos papéis temáticos de “Maria” e de “no nenê”, podemos dizer o mesmo de exemplos com denominais propriamente, como em (10) acima?

A análise generalizada de verbo leve parece não dar conta da totalidade do fenômeno, pois é difícil assumir que os papéis temáticos de agente de Maria e de tema de João sejam atribuídos pelo instrumento “uma garrafada”. O que parece estar em jogo é uma distinção entre as construções “dar uma X-ada” deverbais e denominais.

Como apontamos acima, não parece ser à toa que a grade temática de estruturas como (15) sejam fixas. Embora não seja nosso objetivo desenvolver esse ponto aqui, arriscaríamos a hipótese de que há duas estruturas diferentes para sentenças como (10) e como (15). Os deverbais envolveriam mais do que um núcleo verbal, comportando um lugar para o verbo leve. Se este não é realizado foneticamente, o elemento da camada de baixo pode subir para o núcleo de cima, num processo de incorporação. Os denominais se comportariam de forma mais próxima do verbo “dar” pleno, com alternância dos argumentos, como anunciamos antes.

Um dos pontos que não abordaremos aqui diz respeito a um possível comportamento idiomático de tais expressões. Se isso é verdade, trata-se,

como afirma Figueiredo Silva (*apud* Lisboa de Liz 2003) de um tipo de expressão bastante especial, já que permite, por exemplo, movimento de seus constituintes, o que não se observa em expressões idiomáticas *strictu sensu*

O que nos parece haver é antes uma composição temática semelhante ao que se observa com outras construções com verbos como “levar”, “tomar” etc que, no entanto, também não parecem se comportar sempre como verbos leves, ou ainda, sempre se desdobrar em expressões idiomáticas, envolvendo, no mais das vezes, apenas a atribuição de papel temático de forma indireta ao argumento externo através da composição [núcleo + complemento].⁴⁴ Estamos nos referindo aqui a exemplos como:

(i) João [pegou uma gripe]

(ii) João [pegou o ônibus]

(iii) João [pegou o filho (no colo)]

3. A aquisição das construções “dar uma X-ada”

Souza (2003), ao analisar a produção espontânea de 2 crianças entre 1;7 a 3;4 e 262 arquivos de crianças entre 5;1 a 9;0 do projeto CHILDES, bem como a fala dos adultos interagindo com tais crianças, constatou que, ao contrário das expectativas, essas construções são bastante raras quer no *input* imediato que a criança recebe, quer na fala da criança adquirindo o PB.⁵

Sua hipótese, então, era de que o fenômeno seria de aquisição tardia em função da homofonia do sufixo -ada entre sua forma flexional e derivacional. Previa, ainda, que as formas com -ada flexional seriam adquiridas antes das formas derivacionais. A segunda hipótese de Souza versava sobre o estatuto do verbo leve. Para a autora, talvez a dificuldade na aquisição também se desse em função de a criança só usar o verbo “dar” em sua forma plena, que surge muito cedo, mas não como verbo leve.

Seus dados confirmam parte das hipóteses, mas desconfirmam outras. Por exemplo, há uma grande recorrência de estruturas com

adjetivos formados a partir do particípio passado, segundo a análise assumida aqui, em estruturas de predicação:

- (17) a. Ele está pesado
- b. Lucas escreve emendado

Há também exemplos de elementos nominais formados pelo mesmo processo:

- (18) Anunciando [a chegada]...

Finalmente, há também exemplos de elementos nominais derivados de outros nomes:

- (19) O menino levou [uma pedrada]

Ao par desses exemplos, as crianças produzem passivas sintáticas em que aparece, obviamente, o particípio passado usado em sua forma verbal.

O que os exemplos acima mostram é que a criança já realiza os processos morfológicos derivacionais esperados. Se houvesse apenas exemplos de passiva, então a hipótese de Souza poderia se sustentar, mas os exemplos em (17) – (19) mostram que a operação morfológica, quer através da derivação nome → nome, quer através da derivação imprópria a partir da forma de particípio passado, já está operante na criança.

Talvez, então, o problema fosse o verbo leve. Mas há também exemplos, ainda que raros, de seu uso:

- (20) ... estão dando risada.

Souza (2003) mostrou que de 675 dados analisados com o sufixo -ada, apenas 9 casos são da construção “dar uma X-ada”, portanto 1,33%

dos dados, sendo que todos eles foram produzidos por crianças acima de 5 anos.

Há, assim, apenas duas respostas possíveis para a aquisição da estrutura. Talvez seja tardia dada a complexidade do fenômeno. Ou, talvez não seja produtiva, mas a criança, ainda que não a produza, a compreende.

Se a análise delineada acima para a construção se mostrar plausível, então é óbvio que o fenômeno é complexo pois envolve três processos morfológicos derivacionais distintos (particípio → nome/adjetivo; nome → nome; nome → verbo → particípio → nome) e duas estruturas sintáticas distintas, com possíveis reflexos aspectuais, para as construções com elementos deverbais e aquelas com denominais.

Souza aplicou um pequeno experimento em três crianças, com idade média de 3;6 anos, para testar sua compreensão da construção. Todas as crianças compreenderam todas as sentenças testadas.

4. Palavras finais

Infelizmente não há nada muito conclusivo que se possa estabelecer sobre a aquisição da construção "dar uma X-ada". O experimento de compreensão foi aplicado a poucas crianças e isso, portanto, não assegura o resultado. Por outro lado, não se pode tomar a produção da criança como a totalidade de seu conhecimento. Assim, não surgir nos dados de fala não significa necessariamente que a construção não tenha sido adquirida. Se fosse esse o caso, teríamos que manter que também os adultos que interagem com as crianças analisadas ainda não adquiriram a construção. O que parece é que a construção, ainda que comum e usual, não é muito produtiva nos contextos de fala infantil.

Outros experimentos de produção elicitada e de compreensão devem ser elaborados, inclusive controlando todas as variáveis propostas para a análise da construção em suas diferentes versões (deverbais e

denominais), para que se possa afirmar algo mais conclusivo sobre sua aquisição. Isso fica para pesquisas futuras.

Acreditamos, entretanto, que este trabalho já contribui ao menos com a descrição do quadro de usos do sufixo -ada pelas crianças adquirindo o PB.

Referências Bibliográficas

BAKER, M. "Thematic roles and syntactic structure" In: L. Haegeman (ed) *Elements of Grammar*. Netherlands: Kluwer, 1997.

LISBOA DE LIZ, L. "Construções com o sufixo -ada: manipulações morfossintáticas". Projeto de pesquisa apresentado para seleção ao mestrado em Linguística da UFSC, ms, 2003.

MIRA MATEUS, M. H.; A. Andrade; M. C. Viana & A. Villalva. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

SCHER, A. P. "Verbos leves no Português do Brasil: o caso de *dar* e as categorias aspectuais" In: *Anais do II Congresso Nacional da Abralín*, Fpolis, pp 1068-1077, 2000.

SOUZA, T. T. "Construções com o sufixo -ada". Relatório final das atividades PIBIC/UFSC, ms, 2003.

Notas

¹ Há contra-exemplo para essa análise. Embora as sentenças abaixo funcionem como (6), não se forma do nome "colher" o verbo "colherar". O interessante é que semanticamente as sentenças parecem se comportar mais como (6), admitindo duas leituras distintas, do que como (5) que só admite a leitura de "bater/agredir com":

(i) Eu dei uma colherada no doce (= tirei uma colher cheia de doce)

(ii) João deu uma colherada na (cabeça da) Maria.

² Conferir, nesse sentido, Baker (1997), dentre outros.

³ A restrição em relação ao uso de "fechar o João" com sentido idiomático de "matar" na expressão "dar uma X-ada", parece ser de natureza aspectual. Verbos de *achievement* que caracterizam eventos instantâneos, pontuais e com mudança de estado como "morrer, matar, fechar alguém" parecem não poder ocorrer na construção "dar uma X-ada", como aponta Scher (2000) para (i):

(i) *Maria deu uma morrida.

(ii) *Maria deu uma fechada no João.

(iv) João [pegou no pesado], em que, eventualmente, (i) poderia ser tomado como verbo leve em dialetos que admitem o verbo *gripar* e (iv) como uma expressão idiomática com o sentido de "trabalhar muito", ficando (ii) e (iii) fora dessas classificações.

⁵ Os dados das duas crianças pequenas analisadas pertencem à base de dados CEAAL/PUCRS. Os dados do CHILDES (Child Language Data Exchange System) podem ser encontrados em: <http://childes.psy.cmu.edu>.